Roteiro de leitura:
CONTO “ESCOLA”, DE *INFÂNCIA*, DE GRACILIANO RAMOS

Trecho I

A preguiça, chave da pobreza, e outros conceitos poderosos lançados na última folha da carta empaparam-se de suor, decompuseram-se, manchando-me os dedos de tinta — e durante alguns dias pude mexer-me no quintal, ver a rua, pisar na calçada, associar-me aos filhos de Teotoninho Sabiá. Inquietava-me na verdade. Não recebi novo folheto, daqueles que se vendiam a cem réis e tinham na capa três faixas e letras quase imperceptíveis. Achava-me aparentemente em liberdade. Mas, arengando com Joaquim, na areia do beco, ou admirando o rostinho de anjo de Teresa, assaltava-me às vezes um desassossego, aterrorizava-me a lembrança do exercício penoso. Vozes impacientes subiam, transformavam-se em gritos, furavamme os ouvidos; as minhas mãos suadas se encolhiam, experimentando nas palmas o rigor das pancadas; uma corda me apertava a garganta, suprimia a fala; e as duas consoantes inimigas dançavam. Esforçava-me por esquecê-las revolvendo a terra, construindo montes, aluindo rios e açudes.

As amolações da carta não me saíam do pensamento. “Fala pouco e bem: terte-ão por alguém.” Não me explicaram isto — e veio-me grande enjoo às adivinhações e aos aforismos. Afligia-me recordando a promessa feita no balcão, meses antes. De nada me serviam os conselhos em negrito da última página da carta. Nenhum ganho, talvez por me faltar ainda aprender muito. Conseguia gaguejar sílabas, reuni-las em palavras e, gemendo, engolindo sinais, articular um período vazio. Com certeza minha família não ia conformar-se com resultado tão medíocre: as lições continuariam na sala de visitas, na prensa do copiar, fiscalizadas por Mocinha. Reproduzir-se-iam as durezas da iniciação (2008, pp. 94-95).

1. Já no primeiro parágrafo do conto, apresenta-se um “eu” falando de sua preguiça de ler os folhetos, o que já leva a perceber que se trata do menino do conto anterior?

- L. E.: Espera-se que os alunos percebam essa continuidade em alguns elementos: na referência à citação do fim do conto anterior: “A preguiça é a chave da pobreza...”; no medo do menino de lembrar-se da violência sofrida nas primeiras aulas com o côvado a espancar-lhe as mãos; a referência à volta das lições “fiscalizadas por Mocinha”.
- L. C.: Essa questão já é um aprofundamento do autobiográfico como estrutura narrativa: eu narrador de si mesmo. Importante destacar no conto esses elementos (os verbos na primeira pessoa do singular) que identificam esse “eu” com o “eu” do conto anterior bem

como reforçar, caso nenhum aluno fale, o fato de os contos terem sido retirados do mesmo livro, *Infância*, em que Graciliano nos conta os primeiros anos de sua vida.

2. Segundo esse narrador-personagem, os folhetos desmanchavam com o suor de suas mãos. O que já podemos perceber sobre a relação desse "eu" com a leitura?

- L. E.: Podemos perceber uma relação conflituosa, mistura de ansiedade e pavor. As dificuldades comuns do início da aprendizagem da escrita tornaram-se para o menino motivo de pânico, que era castigado violentamente a cada erro cometido. Essas lembranças despertavam-lhe verdadeiro pavor e, de tanto apertar as folhas dos folhetos nas mãos suadas pelo nervosismo, elas se empapavam e esfarelavam. Essas primeiras lembranças já mostram ser uma relação conflituosa que gerava verdadeiro pavor no menino.
- L.C.: O professor pode explorar esses sentimentos dos alunos: Vocês já viveram uma situação de aprendizagem com medo, ansiedade ou verdadeiro pavor a ponto de ser percebida fisicamente: suor nas mãos, tremor, choro etc.? Deixar que eles contem como foi e como resolveram, ou se resolveram a situação. A turma em que o roteiro foi aplicado focou nas situações de aplicação de testes: provas, arguição, ditado, arguição de fatos matemáticos, leitura de textos, cobrança de tarefas e trabalhos, apresentação de trabalhos e recebimento de resultados, sobretudo no fim do ano, em que se recebe o boletim final. Alguns disseram que o pavor era tanto que chegavam a matar aula na rua ou esconder-se dentro da própria escola. Ou seja, para os alunos, o processo avaliativo que temos na escola é apavorante.

3. Não ter recebido outro folheto para ler deu ao "eu" possibilidades de outras atividades. Com o que ele se ocupou? Por esse trecho, em que fase da vida vocês acham que esse "eu" está?

- L. E.: Segundo o próprio menino, "durante alguns dias pude mexer-me no quintal, ver a rua, pisar na calçada, associar-me aos filhos de Teotoninho Sabiá" (2008, p. 94). Além disso, ele diz que tentava esquecer as lições "revolvendo a terra, construindo montes, aluindo rios e açudes" (2008, p. 94). Essas brincadeiras são típicas da infância, título do livro.
- L. C.: As brincadeiras do menino demonstram tratar-se de uma criança, mas é importante o professor auxiliar os alunos a estabelecerem uma relação entre o título da obra, o título do conto e a fase da vida na qual o autor se encontra.

4. Vocês acham que esse "eu" menino já frequenta a escola? Como terá ele adquirido as primeiras lições? O texto nos dá pistas quanto ao modo aconteceu essa aprendizagem?

- L. E.: Espera-se que os alunos percebam que ele não fala de escola, mas de lições que recebia com violência e a mera lembrança desses momentos causava-lhe pavor. Os alunos podem também se referir ao conto anterior e dizer que o aprendizado era em casa, com o

pai, e depois sob a supervisão de Mocinha, já que essa conexão com o conto “Leitura” foi explorada na primeira pergunta desse Roteiro.

5. O menino afirma estar “aparentemente em liberdade”. Ele demonstra satisfação ou tranquilidade quanto a esse estado de coisas? O que ele sentia de fato? Que trechos do texto revelam isso?

- L. E.: Ele diz que a liberdade era aparente porque a todo momento se lembrava dos gritos e dos castigos que recebia com o côvado durante as lições e apavorava-se por antever que viveria tudo isso novamente com o fim das férias e a retomada das lições.
- L. C.: O professor deve deixar que os alunos falem do que apreenderam da leitura, mas sempre orientando-os a buscar elementos também no texto. Para essa questão, foi feita a releitura do seguinte trecho: “Assaltava-me às vezes um desassossego, aterrorizava-me a lembrança do exercício penoso. Vozes impacientes subiam, transformavam-se em gritos, furavam-me os ouvidos; as minhas mãos suadas se encolhiam, experimentando nas palmas o rigor das pancadas; uma corda me apertava a garganta, suprimia a fala; e as duas consoantes inimigas dançavam” (2008, p. 94). Importante pedir aos alunos para se colocarem no lugar do menino, tentando sentir-se como ele: não conseguir concentrar-se nas brincadeiras e ficar feliz por recordar-se das agressões sofridas e antever novas agressões. Perguntar-lhes se isto já lhes ocorreu: não conseguirem viver um momento bom devido a lembranças tristes que ainda os assombravam. Essas questões objetivam acionar nos alunos seu repertório de vida e ampliar as conexões com o texto de modo que ele se torne mais vivencial e lhes faça sentido. Minha turma teve muitas dificuldades com o vocabulário dos contos e, a todo momento, o significado das palavras tinha que ser explorado. Nesse trecho, especificamente, alguns alunos não entenderam por que o narrador usou a palavra “assaltar” para “lembranças”. Mostrei-lhes que, num assalto, momento apavorante, somos surpreendidos e temos que entregar algo que é nosso. Da mesma forma, o menino sentia-se “assaltado”, “surpreendido” de modo apavorante por pensamentos que queria afastar, mas que vinham à tona.

6. O menino diz que se esforçava por esquecer “as amolações da carta”, “revolvendo a terra, construindo montes, aluindo rios e açudes” (2008, p. 94), no entanto, não conseguia esquecer que as lições logo recomeçariam. De acordo com o relato do menino, o que ele já havia aprendido era suficiente para que se tranquilizasse? O que o afligia?

- L. E.: Espera-se que os alunos digam que o que ele sabia ainda não era suficiente. A todo momento lembrava-se das letras “t” e “d”, que eram constante motivo de dúvida, e sabia que ainda lia gaguejando com bastante dificuldade e sem compreender o que lia. Ele chega a dizer que seu conhecimento era medíocre perto do que a família esperava.
- L. C.: O professor pode também reler o fim do trecho pontuando as dificuldades: “Conseguia gaguejar sílabas, reuni-las em palavras e, gemendo, engolindo sinais, articular um período vazio. Com certeza minha família não ia conformar-se com resultado tão medíocre: as lições continuariam na sala de visitas, na prensa do copiar, fiscalizadas por Mocinha. Reproduzir-se-

iam as durezas da iniciação” (2008, p. 95)

A turma levantou a questão de quando, de fato, paramos de aprender. Quando termina a escola? Quando termina a faculdade? E se eu não quiser fazer faculdade? Outros disseram que aprendemos a vida toda e que “aprendemos não só na escola”. Perguntei-lhes quanto tempo uma pessoa leva para aprender a ler e se esse aprendizado de fato termina. O debate foi acalorado, e a turma ficou dividida. Mostrei-lhes que, embora esse aprendizado inicial da leitura e da escrita possa durar de dois a três anos, aprender a ler e escrever, de fato, é tarefa para a vida toda. Sempre há um texto que você não sabe ler ou escrever e que exige conhecimentos para que seja lido e escrito. Dei alguns exemplos: embora eu saiba ler e escrever, eu não dominava a escrita do gênero monografia e estou tendo que aprender para escrever o trabalho de mestrado. Escrever um romance exigiu do Graciliano muito mais conhecimento do que ele tinha na época das primeiras letras. Importante mostrar aos alunos que, nesse universo da leitura e da escrita, sempre há um gênero que não dominamos e podemos aprender mais coisas. Esse aprendizado é para vida toda. Importante destacar que a literatura amplia as possibilidades de leitura do mundo. A partir da experiência do eu narrador, os alunos puderam refletir sobre seu processo de alfabetização e ampliar seu repertório de mundo, entendendo que o processo de aprendizagem da leitura e da escrita deva ser constante.

Trecho II

Tentei imaginar livros. Queria vê-los, terminar as férias insossas que me concediam. Sem dúvida estavam próximos: conversas temerosas afastavam-me as ilusões, azedavam-me os brinquedos. Bom virem logo. Piores que o folheto não deviam ser – e esta consideração me incutia alguma confiança no futuro. Mas as duas infames dentais me importunavam, resumiam temores indecisos.

Foi por esse tempo que o negro velho apareceu, limpo, de colarinho, gravata, botinas, roupa de cassineta, óculos. Estranhei, pois não admitia tal decência em negros, e manifestei a surpresa em linguagem de cozinha. Meu pai achou a observação original, enxergou nela intenções inexistentes em mim, referiu-a na loja aos fregueses, aos parceiros do gamão e do solo. Ouvia-a recomposta por Seu Afro, completamente desfigurada, com palavras que não me aventuraria a pronunciar. Responsabilizei-me pelas interpolações e adquiri uma notoriedade momentânea, embaraçosa. Repugnava-me sair do meu canto e representar, parecia-me que mangavam de mim. O culpado era meu pai. Muitas vezes me havia insultado, excedera-se em punições por causa de duas letras, que intentava eliminar de chofre. Mas isto era indelével. Provavelmente ele desejava enganar-se e enganar os outros. “Estão vendo esta maravilha? Produto meu.” Desdenhava a maravilha, decerto, apresentava objeto falsificado, mas negociante não tem os escrúpulos comuns das pessoas comuns.

Tanto elogiara as mercadorias chinfrins expostas na prateleira que sem dificuldade esquecia as minhas falhas evidentes e me transformava numa espécie de fechadura garantida, com boas molas. O fabricante era ele. À força de repetições, chegaria a supor que fechaduras de boas molas me abriam o entendimento. E recolheria disso- alguma vaidade. Tornei-me, de qualquer forma, autor de uma frase aparatosa e amaldiçoei o negro velho, origem dela. Incapaz de forjar semelhante coisa, reconhecia-me instrumento de um embuste e desagradava-me ouvir meu pai alinhavar opiniões contraditórias. Essa incoerência reduzia-o, desvalorizava-lhe o julgamento. Agora eu não sabia se efetivamente era um idiota, como ele havia afirmado, inclinava-me a ver na sentença arrasadora precipitação e exagero, às vezes me capacitava de que emitira uma ideia razoável, ampliada por Seu Afro. Impossível dizer onde ela estava, como tinha surgido, mas teimavam em aceitá-la, em declará-la minha, e isto me deixava perplexo.

A reviravolta de meu pai alvoroçava-me. O juízo favorável e imprevisto levá-lo-ia talvez a jogar-me segunda isca louvando o papel escrito, engabelar-me, obrigar-me a iniciar a leitura do volume temeroso que me andava na imaginação e estragava os divertimentos na areia do beco. Desgraças iriam surgir. O riso grosso amorteceria, a voz atroaria, rouca, um pedaço de pau me bateria nas palmas das mãos úmidas.

Mas os sustos esmoreceram, vieram receios diversos. Houve um transtorno, e isto se operou sem que eu revelasse que alguma coisa se havia alterado cá dentro. Pouco a pouco mudei. Arrojaram-me numa aventura, o começo de uma série de aventuras funestas. Quando iam cicatrizando as lesões causadas pelo alfabeto, anunciaram-me o desígnio perverso – e as minhas dores voltaram. De fato, estavam apenas adormecidas, a cicatrização fora na superfície, e às vezes a carne se contraía e rasgava, o interior se revolvia, abalavam-me tormentos indeterminados, semelhantes aos que me produziam as histórias de almas do outro mundo. Desânimo, covardia (2008, pp. 95-96).

7. O menino pensava nos livros imaginando que pior que as antigas cartas de leitura não podiam ser. E pensava isso como uma forma de se animar. Ele conseguia, de fato, esquecer as lições que o aguardavam e aproveitar os brinquedos? Por quê?

- L. E.: Ele não conseguia esquecer as traumatizantes leituras e tentava animar-se com a ideia de que os livros seriam melhores que os folhetos, mas logo se lembrava do “t” e do “d”, que ele confundia, sendo tomado pelos antigos pavores.

8. “Foi por esse tempo que o negro velho apareceu, limpo, de colarinho, gravata, botinas, roupa de cassineta, óculos. Estranhei, pois não admitia tal decência em negros, e manifestei a surpresa em linguagem de cozinha” (2008, p. 95) O que seria essa “linguagem de cozinha” utilizada pelo narrador-personagem? Levante hipóteses sobre o que ele teria dito.

- L. E.: A “linguagem de cozinha” à qual ele se refere é essa linguagem comum, do dia-a-dia, mais informal, por isso usada em casa, na cozinha, quando se pode dizer o que pensa sem censura. Esse termo, “linguagem de cozinha”, numa perspectiva metafórica, será melhor explorado no Roteiro do conto “Os Astrônomos”. Aqui o aspecto metafórico será menos explorado, uma vez que é o segundo conto do Graciliano, e os alunos ainda estão no início desse processo de letramento literário.
- L. C.: Explorar com os alunos possibilidades do que ele teria dito. Na turma, surgiram frases como: “Nossa, que neguinho ajeitadinho...”; “O ‘tio’ tá abusado com esse luxo todo...”, e alguns alunos julgaram preconceituosa a observação do menino. Expliquei-lhes que, na época da infância de Graciliano, a abolição da escravatura estava recente e os negros não tinham condições financeiras para usarem roupas caras, o que deve ter gerado o estranhamento do menino em linguagem familiar.

9. O pai, no entanto, orgulha-se do posicionamento do filho e espalha a fala do garoto, porém aumentando e distorcendo os fatos: “Meu pai achou a observação original, enxergou nela intenções inexistentes em mim, referiu-a na loja aos fregueses, aos parceiros do gamão e do solo. Ouvia-a recomposta por Seu Afro, completamente desfigurada, com palavras que não me aventuraria a pronunciar” (2008, p. 95). O menino, embora se sentisse pouco à vontade nesses momentos em que era convidado a representar uma fala que não era de fato sua, não desmente o pai? Por quê? Que trechos do texto mostram-nos como ele se sentia em relação a esse fato? Por que você acha que o menino disse que “não ousaria me aventurar”?

- L. E.: O menino não desmente o pai porque temia um castigo ou reprimenda dele, sempre distante e violento. Além disso, nunca havia sido elogiado, e, inicialmente, acabou aceitando a autoria da fala desfigurada, embora se sentisse mal em repeti-la e nem sempre o soubesse.
- L. C.: Importante reler o trecho para explorar os sentimentos do menino em relação a essa mentira do pai ao desfigurar sua fala para torná-la mais elaborada: “Responsabilizei-me pelas interpolações e adquiri uma notoriedade momentânea, embaraçosa. Repugnava-me sair do meu canto e representar, parecia-me que mangavam de mim” (2008, p. 95).
  A turma ficou indignada com essa situação e alguns disseram que desmascarariam o pai, ao que outros completaram que “se fizesse isso, o menino decerto apanharia”. Os alunos tiveram dúvidas em relação ao significado da palavra “mangavam” aqui entendida como debochavam. Disse-lhes que esse termo é mais usado no Nordeste, terra Natal de Graciliano.
  Alguns comentaram que é muito ruim ter medo do pai e da mãe, apanhar por qualquer coisa, e um testemunhou: “Eu não falo nada com meu pai...tudo que eu falo ele briga e acaba me batendo... Então, perto dele eu só fico quieto. Se eu fosse o menino, deixava o pai inventar à vontade...” Essa fala exemplifica o quanto o terror produzido pelos castigos e gritos gerou essa passividade do menino, que não via sua fala reconhecida e ainda tinha que aceitá-la desfigurada pela fala do pai sem questionar, mas, “por dentro”, o menino se incomodava e reforçava a ideia da falsidade do pai e uma confusão quanto às intenções que estavam por detrás dessa fala desfigurada e dos falsos elogios.

10. O menino fica confuso quanto a esse ocorrido e relata: "Agora eu não sabia se efetivamente era um idiota, como ele havia afirmado, inclinava-me a ver na sentença arrasadora precipitação e exagero, às vezes me capacitava de que emitira uma ideia razoável, ampliada por Seu Afro. Impossível dizer onde ela estava, como tinha surgido, mas teimavam em aceitá-la, em declará-la minha, e isto me deixava perplexo" (2008, p. 96). Como ele se sentia ao ser elogiado pelo pai?

- L. E.: O menino não entendia o motivo, mas imaginava que não era coisa boa. O pai, como vendedor, sempre fazia isso: vendia produtos com pouca qualidade, mas que eram altamente valorizados na fala do pai aos possíveis compradores, portanto, nesse momento, o menino se sentia uma coisa, uma mercadoria sem valor, produzida pelo pai e que ele vendia como se fosse realmente boa. Sentia-se coisificado, um objeto entre tantos que o pai vendia no mercadinho.

11. O pai era negociante e, segundo o menino, negociantes não têm "escrúpulos comuns das pessoas comuns". Vamos reler este trecho: "Provavelmente ele desejava enganar-se e enganar os outros. 'Estão vendo esta maravilha? Produto meu'. Desdenhava a maravilha, decerto, apresentava objeto falsificado, mas negociante não tem os escrúpulos comuns das pessoas comuns. Tanto elogiara as mercadorias chinfrins expostas na prateleira que sem dificuldade esquecia as minhas falhas evidentes e me transformava numa espécie de fechadura garantida, com boas molas. O fabricante era ele. À força de repetições, chegaria a supor que fechaduras de boas molas me abriam o entendimento. E recolheria disso- alguma vaidade" (2008, pp. 95-96).
Por esse trecho, percebemos que o menino se sente uma coisa, uma mercadoria "chinfrim", como as que o pai vende na loja e que, de tanto elogiar, acabam acreditando serem boas.
Que mercadoria vendida pelo pai na loja o menino usa para ilustrar isso? Para ele por que esse fato envaidecia o pai ainda mais do que quando ele conseguia uma boa venda?

- L. E.: Espera-se que os alunos percebam que o menino fala de como o pai elogia as fechaduras e suas boas molas para conseguir uma venda, embora nem sempre sejam de fato boas. Mentiras de vendedor, contudo, no caso da fala do menino, o pai, ao desfigurá-la e vê-la elogiada pelos demais, é acometido por um envaidecimento maior, já que era ele quem tinha fabricado o produto, ou seja, o menino.

12. O menino desconfia de que a "atribuição louvável" dada a ele pelo pai era uma isca. O que é uma isca? Para que servem? Quais os pensamentos do menino sobre o que lhe iria acontecer? De que modo o pai estaria lançando uma "isca" na visão do menino?

- L. C.: Importante, nessa questão, o professor ir construindo com os alunos a ideia pretendida com a palavra “isca” e fazer as perguntas aos poucos.
  O que é uma isca? Os alunos vão dizer que “é alguma coisa que se coloca no anzol para atrair uma presa na pescaria. Pode ser minhoca, miolo de pão, ração, outro peixe”. Os alunos vão complementando com o conhecimento de mundo deles.
  Para que serve? “Para atrair o peixe”, “para pescar”, “para enganar os peixes que vêm se alimentar e são fisgados”, entre outras possibilidades.
  Porque o menino acha que “essa atribuição louvável”, ou seja, os elogios à fala criada pelo pai e atribuída a ele deve ser uma “isca”?
  Espera-se que os alunos percebam que o pai o está elogiando “porque quer que ele faça alguma coisa” ou “porque vai propor alguma coisa e quer que ele aceite” e é justamente esse o receio do menino.
  Essa questão não foi aplicada em minha turma, pois não constava na primeira versão deste Roteiro, mas surgiu das discussões acerca da palavra “isca”, usada como uma metáfora aqui entendida como cilada, armadilha e não percebida por todos os alunos. Importante que o professor faça as perguntas aos poucos e deixe os alunos levantarem hipóteses para irem construindo aos poucos o significado.
  Reler o trecho: “Jogar-me segunda isca louvando o papel escrito, engabelar-me, obrigar-me a iniciar a leitura do volume temeroso que me andava na imaginação e estragava os divertimentos na areia do beco. Desgraças iriam surgir. O riso grosso amorteceria, a voz atroaria, rouca, um pedaço de pau me bateria nas palmas das mãos úmidas” (2008, p. 96).
  Mostrar aos alunos que a “isca” que o pai jogou, o elogio da frase dita pelo menino e pelo pai desfigurada, para o narrador, era uma armadilha para forçá-lo a novas leituras, novos estudos, com mais violência e tudo novamente como nas primeiras lições.

13. Ele diz que, pouco a pouco, surgiram “receios diversos”: “Houve um transtorno, e isto se operou sem que eu revelasse que alguma coisa se havia alterado cá dentro. Pouco a pouco mudei” (2008, p. 96) Como o menino descreve seu estado de espírito? Por que ele não revelava esses sentimentos? O que de fato temia?

- L. E.: Espera-se que os alunos possam perceber que o menino receava que as aulas com os livros seriam em breve retomadas e com mais castigos, mãos dolorosamente espancadas, gritos... Ele se sentia como numa aventura sem fim: terminava uma etapa começava outra e assim sucessivamente. E ele se sentia desanimado diante desse fazer sem fim que o aguardava. Reler esse trecho com os alunos: “Arrojaram-me numa aventura, o começo de uma série de aventuras funestas. Quando iam cicatrizando as lesões causadas pelo alfabeto, anunciaram-me o desígnio perverso – e as minhas dores voltaram. De fato, estavam apenas adormecidas, a cicatrização fora na superfície, e às vezes a carne se contraía e rasgava, o interior se revolvia, abalavam-me tormentos indeterminados, semelhantes aos que me produziam as histórias de almas do outro mundo. Desânimo, covardia” (2008, pp. 96-97).

Trecho III

A notícia veio de supetão: iam meter-me na escola. Já me haviam falado nisso, em horas de zanga, mas nunca me convencera de que realizassem a ameaça. A escola, segundo informações dignas de crédito, era um lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes. Eu me comportava direito: encolhido e morno, deslizava como sombra. As minhas brincadeiras eram silenciosas. E nem me afoitava a incomodar as pessoas grandes com perguntas. Em consequência, possuía ideias absurdas, apanhadas em ditos ouvidos na cozinha, na loja, perto dos tabuleiros de gamão. A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno. Considerei a resolução de meus pais uma injustiça. Procurei na consciência, desesperado, ato que determinasse a prisão, o exílio entre paredes escuras. Certamente haveria uma tábua para desconjuntar-me os dedos, um homem furioso a bradar-me noções esquivas. Lembrei-me do professor público, austero e cabeludo, arrepiei-me calculando o vigor daqueles braços. Não me defendi, não mostrei as razões que me fervilhavam na cabeça, a mágoa que me inchava o coração. Inútil qualquer resistência.

Trouxeram-me a roupa nova de fustão branco. Tentaram calçar-me os borzeguins amarelos: os pés tinham crescido e não houve meio de reduzi-los. Machucaram-me, comprimiram-me os ossos. As meias rasgavam-se, os borzeguins estavam secos, minguados. Não senti esfoladuras e advertências. As barbas do professor eram imponentes, os músculos do professor deviam ser tremendos. A roupa de fustão branco, engomada pela Rosenda, juntava-se a um gorro de palha. Os fragmentos da carta de ABC, pulverizados, atirados ao quintal, dançavam-me diante dos olhos. "A preguiça é a chave da pobreza. Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém. D, t, d, t." Quem era Terteão? Um homem desconhecido. Iria o professor mandar-me explicar Terteão e a chave? Enorme tristeza por não perceber nenhuma simpatia em redor. Arranjavam impiedosos o sacrifício – e eu me deixava arrastar, mole e resignado, res infeliz antevendo o matadouro (2008, pp. 97-98).

14. O menino, que havia aprendido suas primeiras lições de modo traumático em casa, recebe a notícia de que será colocado na escola. Como ele se sente em relação a essa notícia?

- L. E.: A ida para a escola sempre foi motivo de ameaça contra um mau comportamento de crianças tida como "rebeldes'. Uma coisa do tipo: "Se não melhorar nisso... eu te coloco na escola!". Ele, no entanto, era uma criança calma, não aprontava, não desobedecia. E estava confuso, sem entender por que então o meteriam na escola.

15. O menino relata que se sentia injustiçado com essa decisão já que nunca desobedecia. Ele revela essa indignação para alguém? Qual sua postura diante dessa decisão?

- L. E.: Espera-se que os alunos consigam perceber que, sempre castigado por qualquer atitude, a criança recolhe-se e fala só o essencial. Como nunca lhe davam mesmo a palavra, mais uma vez, embora cheio de angústia, dilacerado e com muitos temores por dentro, o menino aceita passivamente embora se sinta extremamente injustiçado.

16. Como ele imagina que era a escola? Baseando-se em que ele a imagina assim?

- L. E.: Ele imagina a escola como um lugar terrível comparável ao inferno.
- L. C.: Violência do município que não oferece condições mínimas para a escolarização dos meninos. A escola dos meus alunos não tem sequer estrutura física de qualidade, e isso é de uma violência física absurda. Eles comentaram que nossa antiga sede (no prédio anexo ao SESC) era melhor e contava com maior infraestrutura e espaço externo. Comentaram que as escolas sufocam, parecem prisão, com tranca, cadeado, grades por todos os lados. Uma aluna destacou: “Prisão mesmo, não podemos fazer nada!”.
  Embora com risos e aparentes brincadeiras, as críticas que eles compartilharam e as vivências de clausura que dizem ter na escola estão relacionadas com suas vivências cotidianas e dialogam com as dores e angústias do personagem, que se sente indo para uma execução sumária. Importante que o professor deixe os alunos falarem, ainda que a conversa possa parecer deboche ou brincadeira, porque, dada a seriedade do tema, muitas vezes eles se escondem por trás desse tom para conseguirem dizer o que pensam, sem chocar, ou parecerem agressivos, já que a escola, sempre tão punitiva, não lhes dá espaços de fala espontânea. Diante disso, quando são convidados a fazê-lo, os alunos sentem-se pouco à vontade ou não sabem como dizer o que sentem ou pensam com naturalidade.

17. O menino prepara-se, então, para essa nova fase bastante incomodado: “*Trouxeram-me a roupa nova de fustão branco. Tentaram calçar-me os borzeguins amarelos: os pés tinham crescido e não houve meio de reduzi-los. Machucaram-me, comprimiram-me os ossos. As meias rasgavam-se, os borzeguins estavam secos, minguados. Não senti esfoladuras e advertências. As barbas do professor eram imponentes, os músculos do professor deviam ser tremendos. A roupa de fustão branco, engomada pela Rosenda, juntava-se a um gorro de palha*” (2008, p. 97) e antigos temores relativos às dificuldades de aprendizado da leitura. Como ele está fisicamente? O que essa descrição nos revela a respeito do estado psicológico do menino?

- L. E.: Espera-se que os alunos percebam no trecho a descrição de seu estado físico:

Vestia roupa de fustão branco engomada, meias gastas, calçava borzeguins amarelos, secos, minguados e gorro de palha.
Sapatos apertados comprimindo os ossos do pé do menino, machucando-o.

Meias (possivelmente bem velhas, gastas) rasgavam-se

O menino, tal qual a roupa que vestia, sentia-se apertado, oprimido, rasgado, pouco à vontade.

- L. C.: Não cheguei a aplicar esse momento do roteiro, mas questões que emergiram das falas dos alunos demonstraram a importância dessa imagem do pé esmagado e sua relação com o estado de alma do menino e a necessidade, portanto, de que fosse trabalhada. Graciliano usa a imagem do pé esmagado como uma forma de mostrar a alma esmagada. Apresentar essa metáfora para os alunos e explorá-la, para além do entendimento do texto, significa ampliar o universo de análise dos alunos e ampliar as lentes com as quais fazem suas leituras. Isto é letramento literário: mostrar aos alunos que esse estado físico é revelador do seu estado de alma, seu estado psíquico: como os pés dentro do sapato, a alma do menino estava esmagada, comprimida, sem alternativas, sem saída. Como as meias, seu coração também rasgava-se diante da ameaça de ir para a escola. Ele poderia ter dito isso diretamente, mas não teria a mesma força, o mesmo impacto. Então ele usa essa imagem dos pés esmagados para nos falar de seu dilaceramento interno.
  Quais eram essas dificuldades? Pedir aos alunos que tentem imaginar-se na situação do menino: com uma roupa que não é a sua usual, meias velhas e rasgadas, sapatos apertados e o desespero de estar sendo conduzido a um lugar que desconhece e o imagina horrível, onde um indivíduo forte e ameaçador vai golpear-lhe as mãos com um pedaço de madeira.
  O que você faria? Já esteve numa situação como a do menino: ser obrigado a ir para um lugar como um sapato apertado? Conte como foi isso. O que na sua vida é como um sapato apertado.
  Ao longo das discussões desse trecho III, os alunos relataram várias situações para os quais são exatamente como o sapato apertado do menino: a decisão de ter que morar com a mãe, o pai, a avó ou outro parente depois da separação dos pais; a internação em Centros de Recuperação do Menor Infrator; visitar parentes na cadeia; ir para uma nova escola; quando repetiam de ano, ter que voltar para a mesma série com alunos menores; conviver com a criminalidade nos bairros com ameaças de morte por motivos banais.

18. Mesmo diante desse quadro tão desfavorável, o menino se "*deixava arrastar, mole e resignado, rês infeliz antevendo o matadouro*". Vamos nos imaginar na situação do menino.

- L. C.: Vamos imaginar o estado de espírito do menino pelos termos escolhidos por ele para descrever como se sentia. É importante o professor chamar atenção para determinados signos: ele não foi arrastando-se, mas sim, deixou-se arrastar... Não há ação desse eu. Essa imagem nos mostra uma total aceitação do menino, contudo, embora se deixasse levar, ele o fazia com aperto no peito, oprimido, cheio de dor...
  Nesse momento, o professor deve perguntar aos alunos se conhecem um matadouro. Como é um matadouro? A que se destina esse local? Caso algum aluno não conheça ou não saiba do que se trata, pedir que imaginem que lugar seria esse, se considerarmos só a palavra "matadouro": o que acontece nesse lugar? Quem será abatido, morto, aceita passivamente a situação? Existe outra saída, que não a aceitação? Como você se sentiria sendo arrastado

para um matadouro? Tentem imaginar como seria. Você já se sentiu assim em alguma situação da sua vida: indo para um matadouro?
Esse é um momento de ativar as sensações e emoções dos alunos que dialogam com o universo de imagens do texto e com isso estabelecer um “diálogo” texto/leitor Quem desejar pode contar em que situação se sentiu assim.
Questionar os alunos: acontece na escola o mesmo que em um matadouro? Essa escolha do termo matadouro foi feita por Graciliano na maturidade, muitos anos depois desse episódio, quando se recordava dos fatos e usou essa imagem para nos dar a ideia de como ele se sentia.
Nesta aula específica a pergunta foi trabalhada de outro modo, e os comentários giraram em torno do fato de como sempre eram obrigados a fazer algo de que não gostavam sem poderem rebelar-se ou recusar, geralmente ameaçados de espancamento ou chantageados com a possibilidade de perder alguma liberdade ou dinheiro. No caso do menino, o que estava em jogo eram suas horas livres na brincadeira, sua tranquilidade. Alguns alunos disseram que se sentem assim por terem que olhar o filho da vizinha para ganhar um dinheiro: “De tarde dá sono, quero descansar mas tenho que ir, minha mãe me obriga...”. A maioria disse que, se fosse o menino, não iria, que esconderia, choraria, berraria, qualquer coisa, mas que não iria, não. Um aluno disse: “Só vou quando eu quero. Mãe e pai não manda em mim, não. Pode bater em mim quanto quiser, que eu não vou”. Duas alunas contaram já terem fugido de casa porque os pais não as deixaram sair. Uma ficou uma semana fora, e a outra está morando com o namorado. Esses relatos me fizeram perceber a riqueza dessa imagem da “rês” indo para o matadouro” e acionar o repertório de mundo deles para que o diálogo com o texto pudesse acontecer. Esse ponto me suscitou novas possibilidades e potencialidades de perguntas e abordagens do trecho que foram então pensadas.

19. Você acha que a entrada do menino na escola será mesmo tão terrível?

- L.E.: Não temos aqui uma resposta esperada. Essa questão funciona como geradora de hipóteses e manutenção do suspense.
- L.C.: Deixar que os alunos levantem hipóteses a respeito da continuidade do conto e da sorte do menino no novo espaço de aprendizagem. Meus alunos comentaram que a nova escola devia ser ruim, mas ao menos o menino poderia não ser mais castigado fisicamente. Importante deixar que os alunos falem livremente sobre suas hipóteses a respeito do que acontecerá, pois essa é uma questão pensada para gerar a expectativa, o suspense, despertar a curiosidade do aluno-leitor para que mantenha o envolvimento com a leitura e possa ir misturando seu repertório ao texto para significá-lo.
  Meus alunos

Trecho IV

Suspenderam o suplício, experimentaram-me uns sapatos roxos de marroquim, folgados. Tive um largo suspiro de consolo passageiro. Pelo menos estava livre dos calos. Para que pensar no resto? Males inevitáveis iam chover em cima de mim. Joaquim Sabiá era feliz. D. Conceição, ocupada no oratório, dirigindo-se aos santos, largava-o na areia do beco.

Lavaram-me, esfregaram-me, pentearam-me, cortaram-me as unhas sujas de terra. E, com a roupa nova de fustão branco, os sapatos roxos de marroquim, o gorro de palha, folhas de almaço numa caixa, penas, lápis, uma brochura de capa amarela, saí de casa, tão perturbado que não vi para onde me levavam. Nem tinha tido a curiosidade de informar-me: estava certo de que seria entregue ao sujeito barbado e severo, residente no largo, perto da igreja.
Conduziram-me à Rua da Palha, mas só mais tarde notei que me achava lá, numa sala pequena. Avizinharam-me de uma senhora baixinha, gordinha, de cabelos brancos. Fileiras de alunos perdiam-se num aglomerado confuso. As minhas mãos frias não acertavam com os objetos guardados na caixa; os olhos vagueavam turvos, buscando uma saliência na massa indistinta; a voz da mulher gorda sussurrava docemente.

Dias depois, vi chegar um rapazinho seguro por dois homens. Resistia, debatia-se, mordia, agarrava-se à porta e urrava, feroz. Entrou aos arrancos, e se conseguia soltar-se, tentava ganhar a calçada. Foi difícil subjugar o bicho brabo, sentá-lo, imobilizá-lo. O garoto caiu num choro largo. Examinei-o com espanto, desprezo e inveja. Não me seria possível espernear, berrar daquele jeito, exibir força, escoicear, utilizar os dentes, cuspir nas pessoas, espumante e selvagem. Tinham-me domado. Na civilização e na fraqueza, ia para onde me impeliam, muito dócil, muito leve, como os pedaços da carta de A B C, triturados, soltos no ar (2008, pp. 98-9).

20. Embora sinta-se mais aliviado por ganhar sapatos menos apertados, o menino continua incomodado com a proximidade da ida para a escola e sente inveja de um colega da vizinhança porque, para ele, era o amigo mais feliz. Qual o motivo da felicidade do amigo da vizinhança? Como você sabe que ele não vai à escola?

- L. E.: Naquele exato momento, davam-lhe um pouco de alívio os sapatos mais largos, mas o amigo da vizinhança era realmente mais feliz porque não tinha que ir à escola nem viver essa opressão. Desse modo, o sapato apertado serve como imagem (metáfora) da opressão que o menino sente. O alívio, no entanto, era temporário porque ele de fato iria para a escola (“Males inevitáveis iam chover em cima de mim”). Já o amigo ficava lá “esquecido na areia”, brincando, já que a mãe de Joaquim Sabiá, D. Conceição, ficava o dia todo ocupada com a oração.
- L. C.: O professor vai chamar a atenção do aluno para isto: se o sapato apertado serve de imagem para percebermos como o menino se sente, então, se o sapato está mais largo, o

que acontece? Pedir aos alunos que se imaginem com sapatos a apertar-lhes os pés a ponto de causar-lhes calos. Como você se sente tendo que ir a um lugar indesejado, desconhecido e que lhe causa pavor como um sapato desses? O que esse sapato nos diz do estado de alma do menino?

O menino ganha novos sapatos, mais largos, e esse alívio lhe dá condições de desviar-se um pouco da sua dor e olhar o entorno. Embora temporário, porque ele, de fato, iria para a escola; nesse momento ele se lembra do amigo Joaquim Sabiá, que não precisava viver nada daquilo que ele estava vivendo, e julga-o feliz. Essa felicidade é atribuída, então, ao fato de não ter que ir à escola nem viver a opressão que essa ida representava.

Ele sempre se remete ao sapato. Como vocês se sentiram ao se imaginar com esse "sapato apertado"? Mostrar aos alunos que o "sapato apertado" é um signo de violência: o aperto da vida. Deixar que os alunos contem situações de sua vida em que o "sapato" também estava "apertado". Importante esse espaço de compartilhamento de experiências porque é através desse resgate de situações das experiências pessoais, ou seja, das histórias de vida dos alunos que eles vão ligando-se ao texto de forma vivencial, o que Iser chama de preenchimento dos vazios do texto (1996, p. 73). Durante a aplicação, algumas histórias que surgiram demonstram uma vida cercada por constante violência física e psicológica vivenciada pelos alunos no convívio com a família: casos de espancamentos, agressões com faca que levaram a cortes sérios; abuso sexual, aborto, agressões dos parceiros; tortura psicológica infligida na escola por professores e diretores; *bullying*; revista violenta da polícia na rua, com agressões físicas e verbais; experiência dolorosas no Centro de Recuperação do Menor; humilhação na revista para entrar na penitenciária, etc.

O professor precisa ser cuidadoso nesse momento porque, em geral, alguns choram, outros riem da experiência relatada pelo outro ou querem fazer críticas. Importante reforçar com a turma a necessidade do respeito nessa escuta e oferecer liberdade aos alunos de falarem. O tempo desse momento não pode ser rígido, e o professor não deve interromper o aluno que estiver dando o depoimento para abreviá-lo, ainda que signifique deixar as demais questões para o encontro seguinte. Se percebem intercessões de sua vida com a história lida, os alunos envolvem-se mais com a leitura e dão a ela significado, ampliando seu repertório de mundo e suas capacidades de escuta e expressão oral. Além de ser para eles um momento de desabafo e de terem suas falas valorizadas, é também um momento de ativação do repertório de mundo que dialoga com o texto, tornando a leitura mais significativa e favorecendo o letramento literário dos alunos.

21. Vamos reler o trecho que ele nos conta como o prepararam para o primeiro dia de aula: "Lavaram-me, esfregaram-me, pentearam-me, portaram-me as unhas sujas de terra. E, com a roupa nova de fustão branco, os sapatos roxos de marroquim, o gorro de palha, folhas de almaço numa caixa, penas, lápis, uma brochura de capa amarela, saí de casa, tão perturbado que não vi para onde me levavam" (2008, p. 98). O que esse modo de preparação nos revela sobre como ele se sentia em relação a ir para a escola?

- L. E.: Espera-se que o aluno perceba o total desânimo do menino em relação a esse momento e que a perturbação fez com que ele ficasse em estado de choque, abobalhado, a ponto de

não perceber o caminho ou de como estava sendo levado.

- L. C.: Nesse momento é importante que o professor mostre no quadro, listando, o estado de espírito do menino Graciliano que não nos diz estar triste, embora esteja. Ele opta por mostrar fisicamente como está, e é isso que nos remete ao seu íntimo. Importante mostrar aos alunos esse estado passivo do menino que "se deixa vestir". Perguntar aos alunos: "Como ele se sente? "; "Como você se sentiria se fosse tratado assim? "; "Por que vocês acham que ele se deixou levar?". Espera-se que os alunos digam que ele estava em estado de choque, em pânico, tomado por grande desespero.

  Importante ressaltar que nesse momento o professor consegue ampliar o repertório de termos que os alunos poderiam usar para expressar sentimentos e sensações diante de episódios das suas vidas. Deve-se reforçar com os alunos que é possível mostrar o pânico sem usar essa palavra "pânico". O menino mostra seu pavor sem usar essa palavra, apenas mostrando o quanto estava passivo e indiferente enquanto o vestiam, evidenciando sua dor e os calos de sua alma através de seu sapato apertado.

  Mostrar que, quando Graciliano escreve, tenta levar-nos a esta fase da vida: à infância, fase em que não sabemos nos expressar com palavras, e a vida consiste somente sensações. Como a criança não tem pensamento verbal, colocando-nos diante de seu pensamento de menino, ele se lembra de como as ações aconteceram e, com elas, mostra-nos como ele estava sentindo-se em relação a esses momentos.

  Novamente temos um momento para o professor permitir compartilhamento de experiências que enfoquem esse tipo de violência: da alma, da dor do indivíduo. O professor deve estar preparado para as mais diferentes reações dos alunos e ter sensibilidade de ouvi-los sem preconceito: alguns se negam a ouvir ou falar; já outros podem ter atitudes violentas (verbalmente, inclusive); outros, ainda, relatam com um detalhamento surpreendente – ora emocionando-se, ora demonstrando indiferença; alguns ficam em silêncio, mas seguramente também estão lembrando-se de algum episódio, próprio ou de parentes, que dialogam com a passagem do texto.

  Importante: quando a pergunta está relacionada com experiências de dor – e são várias as manifestações de dor –, ainda que esse momento demande um tempo maior, o professor deve preparar-se porque é necessário deixá-los falar, deixar o debate acontecer já que ele foi suscitado pela leitura.

  Em muitas aulas, essas falas foram priorizadas, sobretudo porque são meninos que nunca se interessaram pela leitura, mas que, nesse momento, interagiram com o texto a partir dessa proposta pedagógica e quiseram expressar-se, por isso é preciso dar-lhes voz. O professor precisa ter cuidado e sensibilidade para perceber o momento de arrematar as falas e retomar a leitura do texto. Nesse caso específico, depois de relembrarem e acionarem eventos angustiantes, pedir para ficarem com esse sentimento suspenso, voltando para o texto a fim de ver como o menino Graciliano se resolveu no trecho analisado.

  Com esse é um tipo de pergunta, o professor mostra ao menino como se lê literatura, já que ela toca questões do humano, as quais ativam vivências dos leitores, com as quais ele ressignifica o texto (ISER, 1996). Convidar os alunos: vamos voltar ao texto para ver como ele resolve esse sentimento de angústia?

22. Que materiais foram entregues ao menino para os estudos dele na escola? São os mesmos materiais que vocês trazem hoje para a escola? O que tem de semelhante e de diferente?

- L. E.: Espera-se que os alunos vejam nesse trecho a descrição dos materiais levados pelo menino na escola: “folhas de almaço numa caixa, penas, lápis, uma brochura de capa amarela”. Os alunos percebem mais diferenças que semelhanças.
- L. C.: Essa questão também busca ativar o repertório de mundo dos alunos para que o texto possa ser ressignificado por eles. Essa questão não constava no meu roteiro original, contudo foi uma questão que surgiu espontaneamente nas discussões a respeito do trecho. Eles comentaram o material como sendo de uma época muito antiga já que o menino não levava cadernos, mas “brochuras” e, em vez de canetas esferográficas, levava penas. Isso considerando que era um menino em fase de alfabetização. Não se fala em lápis de cor, mochila, merendeira e tantos outros materiais comuns hoje. Os alunos comentaram que, de fato, essa história aconteceu há muito tempo.

23. Ele diz não saber como chegou à Rua da Palha, onde ficava a escola, tamanho era o pavor que o acometera. Voltando a si, ele pôde perceber a sala de aula. Como era essa sala? Que semelhanças e diferenças você pode perceber entre a sua sala de aula e a do menino?

- L. E.: Retomar com os alunos informações do texto: a sala era pequena, simples, as carteiras em fila, aglomeradas. A professora, baixinha, gordinha e com uma vozinha mansa, já estava lá quando o menino chegou. Reler: “(...) sala pequena. Avizinharam-me de uma senhora baixinha, gordinha, de cabelos brancos. Fileiras de alunos perdiam-se num aglomerado confuso. As minhas mãos frias não acertavam com os objetos guardados na caixa; os olhos vagueavam turvos, buscando uma saliência na massa indistinta; a voz da mulher gorda sussurrava docemente” (2008, p. 98).
- L. C.: Como na questão sobre a escola, os alunos elencaram uma série de precariedades das salas de aula que ocupam hoje[2]: a sala comporta, no máximo 12 alunos, apertados em carteira acoplada relativamente pequena; a mesa do professor sustenta um pequeno quadro branco, com a cadeira do professor espremida a um canto; impossibilidade de mover-se dentro da sala; divisórias de compensado como paredes, que sequer isolam o som que vem da sala ao lado; no lugar de janelas, apenas um buraco de onde se retirou um vidro temperado que poderia oferecer riscos de quebrar e cortar alguém; ausência de portas; a escola não tem área externa ou pátio; os alunos ficam sem sol por quatro horas e meia todos os dias.
  Esse momento da aplicação do roteiro foi difícil porque todos queriam falar ao mesmo tempo e tive que lembrá-los inúmeras vezes sobre o respeito ao turno de fala. A indignação deles é também a minha e eles perceberam que era uma oportunidade de falar dessas insatisfações. Comparativamente eles disseram que a sala dele também é muito pequena, mas não compreenderam como na escola do menino Graciliano “fileiras perdiam-se num

2 Os alunos acompanharam o corpo docente da escola numa audiência pública por garantia de um espaço adequado e continuidade da escola. Embora insalubre e inapropriado para uma escola funcionar, já estamos nesse endereço há mais de um ano. Tudo ficou acordado nessa audiência, mas nada foi cumprido.

aglomerado confuso". Expliquei que, embora ele tenha dito que a sala era pequena, jamais se compararia à nossa, que é bem menor. De qualquer modo, temos a descrição da sala na percepção de um menino apavorado, atordoado, chegando à escola pela primeira vez sem nenhuma vontade.

- L. I.: -

24. Como as primeiras experiências de aprendizagem da leitura e da escrita foram terríveis, as expectativas do menino eram as piores. Como ele imaginava que o professor seria? Essas expectativas dele se concretizaram? Como era a professora?

- L. E.: No caso do menino do conto, como as primeiras experiências foram terríveis inicialmente, a expectativa era de fato a pior possível, mas não foi o que aconteceu. Ele imaginou o professor com uma cabeleira
- L. C.: Cabe ao professor resgatar com os meninos essa ideia do pavor idealizado que nem sempre se concretiza. Pedir-lhes que tentem lembrar-se de situações em que esperavam uma tragédia, e isso não se concretizou. Deve-se pedir que se lembrem se nessa ocasião pensaram em fugir da situação e como tudo se encaminhou: enfrentaram a situação e descobriram que não era tão ruim ou desistiram antes?
  Pedir que tentem lembrar-se de como se sentiram nessa ocasião. O professor deve, nesse momento, tentar resgatar essas emoções nos alunos através desses questionamentos, dando-lhes tempo para buscarem na memória algum caso similar em sua vida ou de casos que conheçam. Deixá-los lembrar-se de situações em que imaginaram o pior e acabaram surpreendendo-se com algo não tão ruim, deixando abertura para os que desejarem contar a experiência para a turma.
  Nesse ponto da discussão, meus alunos relataram que, quando foram convidados pela direção de suas escolas de origem a estudar no Centro Herval, tiveram receio de que seria ruim, imaginaram algum lugar parecido com um "Centro de recuperação" somente para "alunos burros" (palavras deles). Imaginaram que se envolveriam em muitas brigas já que a escola recebe alunos de muitos bairros diferentes, e as rixas entre tais bairros é grande. A maioria relatou ter se surpreendido positivamente, pois, embora o espaço do Centro Herval seja muito reduzido e inadequado, preferiam estudar nessa escola, com professores que os tratam com dignidade e respeito, e com os amigos que fizeram, com os quais podiam dialogar sem brigas e agressões a voltar para as antigas escolas.

25. O menino relata que, logo nos primeiros dias dele na escola, chega outro menino. Qual a atitude do novato?

- L. E.: Deixar que os alunos falem livremente sobre o que recordam da atitude do novato. Em seguida o professor deve propor a releitura do trecho específico com os alunos: "Dias depois, vi chegar um rapazinho seguro por dois homens. Resistia, debatia-se, mordia, agarrava-se à porta e urrava, feroz. Entrou aos arrancos, e se conseguia soltar-se, tentava ganhar a

calçada. Foi difícil subjugar o bicho brabo, sentá-lo, imobilizá-lo. O garoto caiu num choro largo" (2008, p. 98).

- L. C.: No quadro o professor deve anotar as atitudes do novato: resistia, debatia-se, mordia, agarrava-se à porta, soltava e fugia novamente; urrava, agia ferozmente. Ou seja, era difícil submeter o menino, fazê-lo se sentar. Quando, finalmente, foi submetido, chorou. Importantíssimo o professor estabelecer nesse momento a comparação entre as duas chegadas: do menino Graciliano, submissa, passiva, e a do novato, rebelde, feroz. Espera-se que, pela lista do quadro, os alunos percebam a distinção entre as duas chegadas: passividade x rebeldia. Caso eles não percebam sozinhos, o professor deve conduzir, colocando ao lado da lista de atitudes do novato, as ações de Graciliano, que se deixou esfregar, arrumar, e se deixou conduzir à escola, sem sequer se dar conta do trajeto. Um é um bicho manso, resignado, que vai para o matadouro; o outro é um bicho brabo.

26. Por que o menino Graciliano tinha inveja do aluno recém-chegado?

- L. E.: Espera-se que eles falem que o outro demonstrou mais explicitamente o que estava sentindo: lutou bravamente, e todos que o viram chegar sabiam o que ele estava sentindo. Já o Graciliano, o narrador-personagem, não conseguia demonstrar seu estado de espírito e o guardou só para si: deixou-se levar por medo.
- L. C.: Cabe ao professor conversar com os alunos sobre o quanto é difícil não conseguir expressar o que sentimos. Fazer perguntas aos alunos para que possam refletir a esse respeito:
  - ✓ Vocês acham que ele nunca conseguiu expressar o que sentia? (Espera-se que os alunos digam que, na época, ele não conseguiu expressar-se e angustiou-se, mas muitos anos depois ele consegue fazê-lo ao escrever o livro.
  - ✓ Por que na época ele não conseguiu expressar o que sentia?
  - ✓ Tentem lembrar-se de situações em que vocês também não conseguiram demonstrar ou expressar o que sentiam. Por que isso aconteceu? (Essa pergunta tem por objetivo ajudá-los a pensar nos porquês desse recolhimento, dessa passividade. Como estamos mexendo com a dor do ser humano, é importante respeitar os silêncios e entender as rebeldias e frases duras que possam surgir nessas respostas).

    Depois de todos que quiserem expressarem-se, cabe ao professor voltar ao texto: dos motivos que expressamos, ou seja, com tudo isso em mente, quais foram os motivos de Graciliano? Diante da reação do recém-chegado, o menino, ou seja, o eu-narrador afirma: "Examinei-o com espanto, desprezo e inveja. Não me seria possível espernear, berrar daquele jeito, exibir força, escoicear, utilizar os dentes, cuspir nas pessoas, espumante e selvagem" (2008, pp. 98-99). Ele sente inveja porque gostaria de agir do mesmo modo, mas, como sempre foi castigado quando fazia algo errado, sabia que uma atitude dessas lhe valeria uma surra e deixou-se domar, aprendeu a esconder seus reais sentimentos. Invejava o outro que podia agir de acordo com o que sentia: o desespero íntimo do novato ganhava forma na atitude feroz com que lutava para não ir à escola.

27. A relação do menino com o aprendizado da leitura e da escrita e suas primeiras vivências na escola foram muito negativas e traumatizantes, contudo, considerando que se trata de uma autobiografia, sabemos que o menino se tornou um grande escritor: Graciliano Ramos. Como você imagina que ele conseguiu? Você acredita que ele tenha superado os traumas? Por quê?

- L. C.: O professor deve deixar que os alunos levantem hipóteses sobre como Graciliano Ramos, antes com tantas dificuldades na leitura e na escrita, tenham superado tal dificuldade, de modo que o ideal é não oferecer uma resposta pronta, uma vez que essa questão já é uma prévia para a leitura do terceiro conto, “Os astrônomos”. A maioria dos alunos da turma em que apliquei o roteiro acredita que Graciliano tenha superado o trauma, tornando-se, por isso, um grande escritor.
  As hipóteses mais recorrentes foram: mudou de escola e foi para uma em que a aprendizagem era mais divertida; o pai parou de bater e ele perdeu o medo; na escola, ele teve uma professora muito boa que ensinava bem; um amigo mais esperto que ele passou a tirar as dúvidas e a incentivá-lo, etc. Dois alunos disseram que ele “não superou o trauma” e que passou a escrever muito mais tarde como “terapia” para vencer os traumas da infância.
  É importante o professor deixar todos falarem o que pensam, o que levou Graciliano a tornar-se um grande escritor, apesar de todas as dificuldades na iniciação da leitura e da escrita. Essa questão tem o objetivo de antecipar questões que serão explicitadas no próximo conto e reforçar junto aos alunos a ideia geral da obra: justamente através da escrita, ele fala desses traumas o que por si só já é forma de superação.
  Deve-se mostrar que muitas vezes uma dificuldade pode ser transformada, tornando-se algo positivo. Alguns alunos compararam essa dificuldade aos jogos: segundo eles, tanto os jogos esportivos quanto os eletrônicos exigem dedicação e superação para que a pessoa vença as dificuldades iniciais e se torne bom. Na sala em que apliquei o roteiro, havia um aluno que é jogador de futebol, do qual partiu a comparação, que foi aceita e comentada por toda a turma.
  Cabe ao professor aproveitar as experiências dos alunos e explorar o debate de modo a mostrar-lhes que as dificuldades podem, sim, ser superadas e que, no caso de Graciliano, a escrita foi a forma que ele encontrou de expressar sua voz no mundo.

28. Antes da leitura do texto, vocês fizeram o exercício de lembrarem como foram as primeiras lições de vocês e a entrada na escola. Foi parecida com a do menino Graciliano?

- L. C.: O professor precisa estar aberto às respostas possíveis dos alunos. Alguns tiveram uma boa experiência de entrada na escola, e a maioria viveu esse momento em fase distinta da do nosso narrador-personagem. Como os pais trabalham, foram com 2, 3 anos para o sistema de creche, onde passavam o dia todo. Em geral, nessa primeira fase da infância, as crianças ficam em espaços com muitos brinquedos, com estimulação sensorial (músicas e brincadeiras) e ficam felizes com a companhia de outras crianças. Na turma em que o roteiro foi aplicado, em resposta à pergunta “Como foi sua iniciação na escola?”, todos relataram ter gostado de ir ou

mesmo desejado. Por outro lado, quando a pergunta é “Como foi o aprendizado da leitura e da escrita?”, as respostas não foram tão positivas: a maioria disse que a “tia” gritava muito, que a sala era muito cheia, que não havia mais tantas brincadeiras e músicas e tinham que sentar em carteiras individuais dispostas em filas.